

O AVÔ PRESIDENTE

GILDA DE MELLO DE SOUZA

Em seu admirável *Roteiro de Macunaíma*, Cavalcanti Proença interpreta dois trechos do livro de Mário de Andrade como tendo sido inspirados no relato feito pelo Padre Simão de Vasconcelos, de uma passagem lendária da vida de Anchieta: viajando ele no trabalho de catequese, foi protegido do sol causticante pela sombra das aves que, a uma ordem sua, puseram-se a voar em bando fechado sobre a sua cabeça.¹

Segundo Cavalcanti Proença, os trechos de *Macunaíma* que refletem este episódio são os seguintes: a frase inicial do Capítulo IV "Boiúna Luna":

"Por toda a parte ele recebia homenagens e era acompanhado pelo séquito de araras vermelhas e jandáias".

e o desenvolvimento amplo e colorido que se encontra no Capítulo XV "A pacuera de Oibê":

"Vei a Sol dava lambadas no costado relumeando suor de Maanape e Jiguê remeiros e no cabeludo corpo em pé do herói. Era um calorão molhado fazendo fogo no delírio dos três. Macunaíma se lembrou que era imperador do Mato-virgem. Riscou um gesto na Sol, gritando:

— Eropita boiamorebo!

Logo o céu se escurentou de sopetão e uma nuvem ruivor saiu do horizonte entardecendo a calma do dia. A ruivor veio vindo vindo e

1. Simão de Vasconcelos, *Vida do Venerável Padre Joseph de Anchieta* (Rio: Imprensa Nacional, 1943), Vol. 1, pp. 210-211.

Eis o trecho em questão:

"Navegava em uma canoa José, seu companheiro Leonardo do Vale e sete ou oito índios da Bertioga para a vila de Santos; queixavam-se os companheiros da grande calma que então fazia e, compadecido deles, chamou um bando de pássaros, por nome guarazes, e, falando com o capitão deles, que vinha adiante lhe disse pela língua brasílica, *Eropita de Boyaimorebo*, que quer dizer, fazê parar teus companheiros aqui sobre nós. Fê-lo assim o bom capitão, pos todos em ordem concertada e foram andando sobre a canoa um grande espaço, em forma de um pavilhão até que, cobrindo o sol uma nuvem, os despediu José pela mesma língua.

era o bando de araras vermelhas e jandaíãs, todos esses faladores (...) todos esses, o cortejo sarapintado de Macunaíma imperador. E todos esses faladores formaram uma tenda de asas e gritos protegendo o herói do despeito vingarento da Sol. Era uma bulha de águas deuses e passarinhos que nem se escutava mais nada e a igarité meio atordoada.”²

O confronto entre estas duas passagens e o episódio narrado pelo historiador jesuíta revela efetivamente uma série de elementos comuns; mas é importante referir que a presença no romance da frase milagrosa de Anchieta — “Eropita boiamorebo” —, transferida do venerável sacerdote para a boca vulgar do herói, adverte o leitor que se trata de uma citação, embora carnavalizada.

Todavia, a ressonância alusiva desses trechos — e de outros a que me irei reportar a seu tempo — é bem mais completa do que parece à primeira vista e extravasa as associações apenas eruditas para ir mergulhar mais fundo e mais longe nas reminiscências da infância e, portanto, na biografia. Na verdade as frases em questão constituem uma montagem de pelo menos duas fontes: o padre Simão de Vasconcelos, como já sublinhou com acerto Proença, e uma narrativa de viagem de autoria do dr. Joaquim de Almeida Leite Moraes, (1835-1895), avô de Mário de Andrade, intitulada *Apontamentos de Viagem. De São Paulo à capital de Goiás, desta à do Pará, pelos rios Araguaia e Tocantins, e do Pará à Corte*, publicada em São Paulo em 1882.

Como os dados a que terei de recorrer para comprovar a minha hipótese não são do conhecimento público, vejo-me obrigada a um longo parêntesis, para em seguida retomar o fio da meada.

Em fins de 1880, o avô materno de Mário de Andrade, o dr. Joaquim de Almeida Leite Moraes, professor de Direito Criminal da Faculdade de São Paulo, deputado provincial, jornalista e político liberal, foi nomeado Presidente da Província de Goiás, com o objetivo de lá implantar a reforma eleitoral que acabava de ser promulgada. Para chegar à capital da Província e tomar posse teve de empreender uma viagem longa e penosa, verdadeira expedição, com numerosos empregados e quase duas dezenas de animais de carga, que percorreu em 35 dias um total de 150 léguas (900 kms). Foram “150 léguas a trote largo de besta” — escreve Leite Moraes nos *Apontamentos de Viagem* — “de rios cheios com barças (sic) — túmulos flutuantes; pontes caídas; tremedais sem termo, lagos podres, lamas, caldeirões, chuva torrencial, sol africano, pousos em barracas; em ranchos abertos juntos dos porcos, no meio dos ratos, e quase asfíxiado pela baratas! ... (p. 67)

Seguiu com Leite Moraes nessa aventura um parente afim e grande amigo, Carlos Augusto de Andrade — “quase filho, único pedaço da

2. Mario de Andrade, *Macunaíma*, Cap XV, 4ª edição; S. Paulo; Martins, p. 183.

família que me acompanhava” — que em Goiás servirá como seu devotado oficial de gabinete e, em 1887, se casará com sua segunda filha, Maria Luísa.³

A permanência em Goiás dura perto de dez meses e, cumprida a missão política de que fora encarregado, Leite Moraes decide retornar a São Paulo por outro itinerário que, embora muito mais longo e arriscado, não lhe pareceu tão penoso para a sua saúde quanto fora a viagem por terra. Inicia o trajeto descendo o Araguaia no bote *Rio Vermelho*, — “embarcação tosca e grosseira, mas segura e forte” (p. 97) — que durante as primeiras 200 léguas (1.200 kms), vai rebocado pelo velho vapor *Colombo*; em seguida, quando a comitiva alcança a parte encachoeirada do rio, a barca se despede do navio e segue sozinha, tripulada apenas por 16 remeiros, vencendo as corredeiras e os possíveis ataques dos índios. Os riscos de vida são constantes e, de fato, duas pessoas morrem afogadas durante o trajeto. Do Araguaia, o *Rio Vermelho* entra pelo Tocantins e, em seguida, tomando alguns dos seus afluentes, alcança Belém, onde chega no dia 14 de janeiro de 1882. A viagem durara 36 dias.

Na capital da Província do Pará o ex-Presidente e seu oficial de gabinete embarcam no paquete nacional *Ceará*, nele seguindo até o Rio de Janeiro, depois de terem “visitado todas as capitais do Norte, com exceção apenas das do Amazonas, do Rio Grande do Norte e de Sergipe”. Os viajantes haviam percorrido 150 léguas na ida e 700 na volta (5.130 kms).

Leite Moraes — que deveria posteriormente fazer um relatório circunstanciado ao Imperador⁴ — registrou toda a viagem num testemunho escrito de enorme interesse, que depois mandou imprimir e, com o tempo, permaneceu conhecido quase apenas no círculo restrito dos parentes. Na introdução conta como tomou suas notas a lápis num pequeno livro de duzentas páginas, comprado ao amigo H. Garraux: “ora a cavalo, ou à sombra de uma árvore, ou de um rancho, de uma barraca, ora deitado numa rede, ou na minha cama de campanha, ora sobre o tombadilho de um vapor, ou sobre a tolda de um bote, no meio das cachoeiras, dos índios ou das feras, sempre exposto a um sol abrasador e ardentíssimo.” (p. 7).

Mário de Andrade cresceu ouvindo em casa os ecos dessa aventura,

3. Carlos Augusto e Maria Luísa são os pais de Mário de Andrade. Surgem freqüentemente nos contos como suas personagens.

4. “Os meus atos como administrador” — escreve ele — “constam do *Diário Oficial* da mesma província, dos relatórios que se imprimiram na tipografia Nacional, sendo um deles o que li perante a respectiva Assembléia Provincial, e outro com o qual passei a presidência, além dos *Apontamentos* sobre o prolongamento da estrada de ferro Mogiana a Mato Grosso já publicado por ordem do ex-Ministro da Agricultura, o conselheiro Buarque de Macedo.” (Dr. J. A. Leite Moraes, *Apontamentos de Viagem*, (São Paulo; edição particular, 1882) pg. 3 “Duas palavras ao leitor”).

tornada folclórica na família provinciana, que lhe apresentava o pai austero, junto ao avô exuberante e comunicativo, atravessando o País de Norte a Sul, vencendo com destemor as ameaças. “E como os meus antepassados — escrevia Leite Moraes — afrontei todos os perigos das matas, dos rios, das feras, dos selvagens, tomando todos os meios de locomoção lembrados pela barbárie e depois aperfeiçoados pela civilização.” (p. 8). É muito provável pois que o livro do avô, registrando todos esses lances empolgantes, tenha sido um dos talismãs de sua infância. E que anos mais tarde, quando já estava redigindo *Macunaíma* e ambientava a aventura do herói num cenário semelhante, tenha visto ressurgir o sortilégio dessas páginas, procurando incorporá-lo ao mundo permanente de suas preocupações de adulto. Como se teria efetuado a curiosa moldagem desses dois níveis é o que pretendo demonstrar, depois de ter sujeitado o leitor a um longo desvio.

Se retomássemos agora, à luz desses novos elementos, a primeira parte da sentença inicial do Capítulo IV de *Macunaíma*:

“Por toda a parte ele recebia homenagens”, veríamos que ela tanto pode se referir ao herói do livro, *Macunaíma*, comó a Leite Moraes, o autor dos *Apontamentos*. Nestes, às páginas 116 e seguintes, por exemplo, descrevendo os contactos mantidos com os indígenas e seus chefes das margens do Araguaia, o Presidente conta como eles o cumulavam de presentes:

“(. . .) passamos em frente de uma aldeia de *carajás* das maiores que temos até aqui encontrado e os índios vieram á margem com os seus cacetes e á suas lanças, e alguns, em suas *ubás*, vieram atracá-las ao vapor e saltaram a bordo . . . (. . .). Era este o nosso espetáculo de todas as horas do dia; não era possível parar o vapor para recebê-los porque então não se poderia caminhar; aqui e alí estão as *ubás* cada uma delas com seis a oito índios, aguardando no respectivo canal a passagem do vapor para atracá-lo; ou eles vêm anunciar que a lenha está pronta, ou trazem melancias e frutas do mato para trocarmos com o anzól, o fumo, e o arpão.”

Quanto à segunda parte da sentença,

“e era acompanhado pelo séquito de araras vermelhas e jandaias”,

trata-se provavelmente de uma alusão velada a dois outros momentos do mesmo livro: a descrição da várzea arborizada de buritis nas imediações do ribeirão Lambarí, a 24 léguas da capital de Goiás:

“Ao atravessarmos este bosque de palmeiras, uma orquestra enorme, imensa, de milhares de pássaros verdes saudou-nos na passagem, sobressaindo os gritos das araras, estas sentinelas do sertão que anunciam sempre a aproximação do inimigo; ora voando em bando sobre as nossas cabeças e ora embalando-se nas extremidades das palmeiras!” (p. 86)

e a descrição da ilha do Bananal:

“As araras, equilibrando-se nas palmeiras, advertem aos habitantes daquelas paragens — da nossa passagem; os pássaros aquáticos estão pousados nos galhos das árvores da barranca, nas praias, e voam em bando pela frente do vapor; as gaiótas voltigam em torno; os botos nos acompanham; aqui e ali um imenso jacaré põe a disforme cabeça fora d'água e nos espreita; nuvens de patos e marrecos ensobriam (sic) o rio (. . .).” (p. 113)

Assim, as aves que voam em bando sobre a cabeça do viajante, sombreando-lhe o caminho — o “séquito de araras vermelhas e jandaias” ou a “tenda de asas e gritos protegendo o herói do despeito vingarento da Sol” — sugerem, efetivamente, como quer Cavalcanti Proença, o episódio lendário referente a Anchieta e relatado por Simão de Vasconcelos; mas um segundo nível, já autobiográfico, evocam as passagens mencionadas nos *Apontamentos de Viagem*, que dizem respeito ao avô.

Aliás, a associação que estou sugerindo entre Macunaíma e Leite Moraes não é totalmente arbitrária, mas decorre de algumas coincidências, de que a mais evidente é o fato de ambos serem *chefes* e estarem percorrendo a sua pátria por terras e rios, “relumeando de suor” debaixo de “um calorão molhado”. Mário de Andrade joga de maneira humorística com esses elementos de identificação, fiel à linha carnalizadora do livro, que é desmistificar os feitos históricos e os vultos consagrados — seja no círculo vasto da nacionalidade, como no âmbito restrito dos heróis familiares. Às vezes amplia o processo, estabelecendo uma analogia em cadeia, como quando aplica a Macunaíma o designativo de *papai grande*.

Com efeito, em algumas passagens dos *Apontamentos*, sobretudo na descrição cheia de vivacidade do encontro com os carajás nas margens do Araguaia, Leite Moraes conta como foi chamado por eles de *papai grande*. Esta designação era em geral atribuída a Pedro II, e deslocando-a para o Presidente de Goiás os indígenas como que faziam duas constatações: aceitavam-no como líder e reconheciam a sua parecença com o Monarca, à medida que eram ambos altos, corpulentos, bem apessoados e barbudos. No romance, Mário de Andrade dilata um pouco mais a associação estendendo-a a Macunaíma; a aplicação da mesma alcunha afetuosamente a três personalidades tão diversas tinha por objetivo ressaltar com evidente sarcasmo o elo que, apesar de tudo, os unia: Imperador do Brasil, “imperador” dos goianos, Imperador do Mato-vingem . . .

Mas o índice mais seguro da identificação paródica entre o “herói sem nenhum caráter” do povo brasileiro e o protótipo do homem-de-bem, herói incontestado do círculo doméstico do escritor, encontra-se num pequeno trecho, à página 177 do romance:

“Desciam de rodada o Araguaia e quando Jiguê remava Maanape manejava o João-de-pau. Se sentiam marupiaras outra vez. Pois então Macunaíma adestro na proa tomava nota das pontes que carecia construir ou consertar pra facilitar a vida do povo goiano.”

Como se vê, Macunaíma é representado aqui: a) descendo de rodada o Araguaia, b) “adestro na proa”, c) tomando nota dos melhoramentos que era preciso efetuar sem demora, d) para promover o bem-estar de seu povo. — Mas por que motivo o autor usou, num contexto que deveria ter uma conotação generalizadora, a expressão particular “povo goiano”? Porque, na verdade, todos os elementos da frase se referem diretamente à experiência administrativa de Leite Moraes em Goiás e a passagens precisas de seu diário.

Pois ao evocar a viagem atribulada de volta, descendo o Araguaia no bote *Rio Vermelho*, o Presidente descreve-se nos *Apontamentos*, de modo meio ingênuo e autocomplacente, sempre em atitude vigilante, de pé na embarcação, quer se encontre no tombadilho, na proa, na popa ou na tolda. Ora está “mudo e silencioso”, ora “absorto e estático de tantas grandezas que vê” e não chega a compreender inteiramente, ora traz a espingarda de caçador a tiracolo, ora toma notas da série de providências que deviam ser tomadas — como construção de balsas, estabelecimento de novos sistemas de cobranças, abertura de estradas — das quais a mais urgente, naquelas terras retalhadas por rios, era sem dúvida a edificação e o conserto de pontes, como se pode verificar pelos seguintes trechos:

“(. . .) ao sairmos da povoação atravessamos o ribeirão da *Trindade*, molhando as botas e arceios, pois que com mais dois palmos de altura daria nado. Soubemos então que este rio impede a passagem por dez a quinze dias na estação chuvosa, e que o dr. Spinola aí estivera oito dias de falha, e entretanto, durante quase dois anos de administração, não mandara construir uma ponte! (*) Nota — O meu primeiro cuidado, tomando posse da presidência de Goiás, foi o de mandar construí-la e a deixei construída”. (p. 47).

“Atravessamos o ribeirão da *Queixada*, que tinha muita água e estava atolado, quase com o trânsito interceptado, e o de *Santa Maria*, cuja enchente levava na véspera, a ponte chamada *Ponte lavrada*. (*) Nota — Mandei fazer pontes nestes ribeirões, as quais ficaram concluídas, como tudo consta do meu relatório.” (pg. 49/50)

Enfim, resumindo o que foi dito até aqui: não é descabido afirmar que os *Apontamentos* em que Joaquim de Almeida Leite Moraes anotou, para seu registro e deleite da família, a viagem lendária que realizou pelo Brasil em 1882, em companhia de seu futuro genro Carlos Augusto de Andrade, constituem um documento importante na formação da sensibilidade de Mário de Andrade. É possível que o livrinho singelo que ele conservou sempre na estante ao alcance da mão tenha sido um dos primeiros incentivos que recebeu para conhecer o seu País. As descrições da paisagem brasileira, feitas pelo avô com um senso agudo de observação, já delineiam um país de contrastes, onde os olhos tanto podem se perder nos campos desolados de Uberaba, como se extasiar diante do esplendor da fauna e flora da Amazônia. Quem sabe foi a partir dessas imagens que

começou a tomar corpo nele a obsessão da "pátria tão despartriada", que aos poucos o conduzirá a outras leituras, aos viajantes estrangeiros, como Couto de Magalhães — cuja autoridade Leite Moraes não se cansa de louvar — e, finalmente, aos estudos sobre o Brasil, empreendidos na década de 20? Não estaria nesse volume uma das raízes do desejo de conhecer melhor sua pátria? Vimos que quando elaborou *Macunaíma* transpôs para o romance muitas sugestões dos *Apontamentos de Viagem*; mas os próprios itinerários arrezados do herói não teriam sido inspirados em parte no trajeto caprichoso do Presidente que, por condições de saúde, viu-se obrigado a voltar de Goiás a São Paulo através das lonjuras do Araguaia, do Tocantins e do Oceano Atlântico?

Por outro lado, *Macunaíma* não é uma representação *d'après nature* da paisagem brasileira — como espero tenha ficado claro pelos exemplos apresentados no decorrer desta notícia — e longe de refletir uma observação efetiva do mundo exterior, traduz um *saber* da paisagem elaborado através de reminiscências de um sem-número de leituras. Em dezembro de 1926, quando Mário de Andrade redigiu num rompante a primeira versão de sua obra-prima, já havia lido todos os livros, mas ainda não travara conhecimento com a selva brasileira; isto só se dará no ano seguinte, entre maio e agosto, por ocasião da viagem ao Norte. A violenta impressão causada pela natureza tropical não repercute no romance, cujos originais, no entanto, ainda estavam sendo modificados e corrigidos. *Macunaíma* pertencia a um outro momento da sensibilidade de seu autor, quando a face da realidade era dada principalmente pelos estudos de gabinete e pela montagem crítica de informações muito-díspares sobre o Brasil. Estas, acumuladas com paciência no decorrer dos anos, incluíam os estudos eruditos recentes, como o impacto fulminante de Koch Grünberg, a velha admiração por José de Alencar, o relato fantasioso do Padre Simão de Vasconcelos e — por que não? — as descrições transportadas de sentimento romântico de Joaquim de Almeida Leite Moraes. Mas não levavam em conta as impressões da Amazônia que, confiadas a *O Turista Aprendiz*, passarão a influir de modo decisivo na poesia posterior⁵ e no prolongamento da reflexão sobre a cultura tropical.

Aliás, este diário de viagem que Mário de Andrade redige, cinquenta anos depois do avô, enquanto realiza com mais conforto e menos risco um trajeto semelhante ao dele — embora em sentido inverso — reata a ligação remota com a narrativa que encantara sua infância. Ele tem como título e subtítulo:

"*O Turista Aprendiz*. Viagem pelo Amazonas até o Perú, pelo Madeira até a Bolívia, por Marajó até dizer chega", parodiando o nome de feição

5. Talvez o poema mais marcado pela experiência amazônica seja "O Rito do Irmão Pequeno".

tradicional que o antepassado dera às suas “considerações administrativas e políticas”:

“*Apontamentos de Viagem*. De São Paulo à capital de Goiás, desta à do Pará, pelos rios Araguaia e Tocantins, e do Pará a Côrte.”

A curiosa relação que, no decorrer da vida, Mário de Andrade mantém com a figura do avô, seja através dos empréstimos de *Macunaíma*, da coincidência da aventura amazônica, do diário paralelo de viagem e das alusões na poesia, nem sempre é irônica e pode assumir aspectos contraditórios. Às vezes é com uma ponta de desvanecimento que o vemos evocar esse antepassado esclarecido e sem medo, que governou os goianos⁶ e soube imprimir a vontade ao destino. Nas fotografias da época que o fixam em várias idades, sempre bonito e bem posto, há uma grave autoridade que emana de seu porte; ela justifica a admiração do neto, que pensou nele com certeza, quando inscreveu em seu “Brazão” o ramo heráldico dos Almeidas;⁷ justifica também o gesto de Almeida Júnior, retratando-o como um dos bandeirantes que estão no bote, no grande painel *A Partida da Monção*.⁸ Não obstante, é provável que o agudo senso satírico de Mário de Andrade, treinado em captar os chavões da ideologia dominante, se tivesse deliciado com o trecho em que Leite Moraes faz na introdução dos *Apontamentos* o balanço da viagem e se declara orgulhoso do “sangue paulista que lhe corre nas veias”; com a consciência tranqüila de haver “cumprido o dever na defícilima e espinhosa comissão de que foi incumbido”; cõscio de que “todos os seus atos foram determinados por espírito eminentemente democrático” e “pelos princípios rigorosos da justiça e moralidade”.

Mesmo gasta e convencional, a retórica do Presidente deixava entrever as virtudes de um homem com *estilo*, que pautava os atos por padrões

6. No “Noturno de Belo Horizonte”, congrega com o seu canto os brasileiros de todos os quadrantes, não se esquecendo de acrescentar:

“E os goianos governados por meu avô.”

7. A quadra inicial do poema “Brazão” enumera, numa seqüência extremamente cerrada, as componentes européia e africanas que produziram no Brasil o ramo familiar de Mário de Andrade:

“Vem a estrela dos treze bicos,
Brasil, Coimbra, Guiné, Catalunha,
E mais a Bruges inimaginável
E a decadência dos Almeidas.”

Por que razão “a Bruges inimaginável” é citada ao lado de Portugal (Coimbra), da África (Guiné) e da Espanha (Catalunha), lugares bem mais compreensíveis? Porque segundo a *Genealogia Paulistana*, os Almeidas pertenciam ao tronco mais vasto dos Lemes (Lems), originários da cidade de Bruges. Essa raiz flamenga perdida no meio de suas origens, parecia a Mário de Andrade “inimaginável”.

8. Neste quadro que se encontra no Museu do Ipiranga, Almeida Júnior retratou nos bandeirantes que estão no bote, várias personalidades paulistas da época.

precisos de comportamento. E isso não podia passar despercebido a quem, como Mário, há muito se vinha preocupando com “a dor miúda, de incapacidade realizadora do ser moral”, com “a imensa e sagrada dor do irreconciliável humano”, que a seu ver tinha viajado “na primeira vela de Colombo” e ainda vivia entre nós.⁹ Perto da irresolução do homem brasileiro, moldado pelo calor e pela preguiça, que ele havia descrito em *Macunaíma*, as qualidades de homem-de-mando de Leite Moraes, a sua confiança obstinada no projeto e no “ethos” europeu, surgiam como um violento contraste. A própria decisão de escolher um caminho de volta que o afastava paradoxalmente do litoral, mergulhando na selva, o identificava à “insistência turrone paulista” do grande rio das monções, — o Tiête — que embora nascendo perto do mar se embrenhava pelo sertão.

Deste modo, no jogo complexo de *sinais* que regem a meditação de Mário de Andrade sobre o Brasil e demarcam dois campos contrários e irreduzíveis, o avô se alinharia na vertente do Tietê. De acordo com a densa trama alegórica do “Brazão”, há de fato duas vertentes em sua poesia. De um lado, como cartas do mesmo naipe, agrupam-se os valores europeus: o boi, o bandeirante, a esfera armilar, a trombeta da Catalunha, a Bruges inimaginável, “as audácias de Pirineus ambiciosos” — enfim, todos os sinais que definem a *felicidade do projeto, a sabedoria da vontade*. Defronte, se estende a vertente inundada “do imenso rio”, o “mundo de águas lisas” da Amazônia, onde reina Macunaíma. Estão aí, nesse país nirvanizado, o bicho-preguiça, o maleiteiro, mestre Carlos, a murema inebriante; “a calmaria serena” das lagoas — os sinais da *infelicidade do acaso e da sabedoria da indiferença*. É no intervalo dessas sabedorias rivais que se joga o destino dramático do brasileiro. Assim, o barco que Mário de Andrade imagina descendo o Araguaia e levando em pé na proa, sob uma “tenda de asas e gritos”, a figura imperial de Macunaíma-Leite Moraes, tem uma função mais profunda que ampliar com a sua dissonância o tom de paródia da grande saga nacional. Revela, acima do sarcasmo, a aspiração de mitigar “a dor dos irreconliáveis”, embora no campo provisório da ficção.

9. As frases entre aspas foram retiradas da importante reflexão do dia 22 de Julho de 1927, de *O Turista Aprendiz*.